

PAIX LITURGIQUE

Carta 67 publicada a 9 dezembro 2015

RECEITA PARA INSTALAR PACIFICAMENTE E DE MODO DURADOURO A FORMA EXTRAORDINÁRIA NUMA PARÓQUIA

Este mês, a nossa proposta é a de seguirmos a interessante e original conferência do Pe. Milan Tisma, aquando do encerramento do primeiro congresso Summorum Pontificum, que teve lugar no Chile, em Julho passado.

Além de capelão da associação Magnificat, ramo chileno da *Una Voce*, o Pe. Milan Tisma é também o pároco da paróquia de São João de Deus em Santiago. Ordenado em 1997 pelo Cardeal Oviedo, então arcebispo de Santiago do Chile, o Pe. Tisma nunca deixou de celebrar a missa tradicional. Em 1991, quando estava a pensar deixar o Seminário Diocesano, onde era perseguido por causa da sua ligação à liturgia tradicional, Mons. Oviedo, que acabara de chegar à arquidiocese, encorajou-o para que ficasse em Santiago, garantindo-lhe então a sua compreensão e a sua protecção, que, de facto, até ao dia da ordenação, jamais lhe vieram a faltar. Aliás, a ordenação do Pe. Tisma foi a última realizada pelo Cardeal Oviedo antes da sua morte.

O Pe. Milan conheceu a missa tradicional nos seus tempos de escola graças a um sacerdote jesuíta, que era então o capelão da Magnificat. Trata-se, pois, de uma experiência original e já longa, esta que o Pe. Tisma decidiu contar aos participantes do congresso Summorum Pontificum de Santiago, subordinado ao tema da celebração da forma extraordinária no âmbito paroquial.

Deixamos a seguir os pontos mais salientes da conferência.

Image: rs20151207122025_donmilan1.jpg

O Pe. Milan Tisma, capelão da associação Magnificat de Santiago do Chile.

I- Recuperar o sentido do sagrado

Muito antes de se ter tornado o Papa do motu proprio Summorum Pontificum, o Cardeal Ratzinger já explicava de modo constante e claro o motivo pelo qual a crise da Igreja depende da maneira como a liturgia é tratada. A este propósito, ele foi mostrando insistentemente como a perda do sentido do sagrado constitui um elemento fundamental dessa mesma secularização que ele combateu vigorosamente ao longo do seu magistério pontifício.

Porque uma das consequências mais evidentes e dramáticas da reforma litúrgica foi precisamente a perda do sentido do sagrado, o Pe. Tisma começou por afirmar que a sua redescoberta desse sentido do sagrado há-de ser o objectivo primeiro de qualquer esforço de renovação litúrgica.

Valendo-se da definição de “sagrado” oferecida pelo teólogo luterano alemão Rudolf Ott (1), enquanto *“mysterium tremendum et fascinans”*, o Pe. Tisma crê que o regresso do homem contemporâneo ao sagrado passa justamente pelo seu reencontro com o mais “tremendo” e “fascinante” dos mistérios, a irrupção do Céu sobre a terra na Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que pode haver de mais tremendo e fascinante para nós mortais do que a Encarnação do Filho de Deus, a Sua Vida, a Sua Morte e a Sua Ressurreição?

Tradicionalmente dita “Morada de Deus e Porta do Céu”, à semelhança da Virgem Maria, ao longo dos séculos, a liturgia católica tem sido o reflexo fiel desse grande mistério que é o Céu a descer sobre a terra. Desventuradamente, a liturgia moderna perdeu a sua capacidade de atracção, o seu carácter fascinante, virando assim as costas ao *“mysterium tremendum”*. A erosão do carácter sacrificial da Missa no Missal de Paulo VI e as suas traduções vernáculas abriram a porta à negação desse carácter sacrificial por parte de muitos celebrantes, seja que se ponham literalmente a dançar em roda do altar, ou que se contentem em limitar-se a unicamente comemorar o banquete pascal. Ora, sem sacrifício, simplesmente não há mistério. Nem *“tremendum”* nem *“fascinans”*.

O Pe. Tisma acrescentou ainda que sem o mistério, a liturgia deixa também de ser epifania (manifestação) da glória e da perfeita santidade de Deus.

Para o Pe. Tisma, é evidente que “o apostolado da forma extraordinária pode e deve contribuir para a recuperação do sentido do mistério”. Rezada (baixa), cantada, ou solene, a Missa tradicional tem tudo para despertar junto dos nossos contemporâneos o sentido, e portanto o desejo, do sagrado. Cabe aos párocos saberem usá-la com o propósito de chocar - no sentido médico do termo - as vendas que cobrem os olhos dos fiéis, sem no entanto os repelir.

II- Contribuir para a paz litúrgica

A 12.000 km da região parisiense onde nasceu esta aventura de “Paix Liturgique”, vive um pároco para quem a celebração *in utroque usu*, isto é, em ambas as formas do rito romano, é um incontestável instrumento de paz litúrgica. Para o Pe. Tisma, os párocos têm o dever de trabalhar no sentido da reconciliação entre os fiéis; usando sempre, sem exceção, todos os meios que possam ter à sua disposição, a começar por tornar possível que, nas suas paróquias, quantos o desejam possam aceder de modo habitual à forma extraordinária. Que mais dizer?

III- (Re)construir uma morada comum

Depois da reforma litúrgica, houve já várias gerações que só puderam conhecer uma liturgia devastada, deformada e superficial. Deste modo, fálhou-lhes, não apenas o conhecimento e gosto do sagrado, mas também a percepção de uma morada comum, aquilo que Klaus Gamber chamava de “Heimat”, a “pequena pátria”, o lugar nativo, o “sentir-se em casa” dos católicos.

Esta pequena pátria perdeu-se, de facto, pois, de um domingo para o outro, e indo de igreja em igreja, não se encontram hoje à face da terra duas missas que sejam idênticas. Os sacerdotes celebram como sabem, como podem, e, sobretudo, celebram como querem. **Privado hoje da sua pequena pátria, o católico tornou-se um apátrida litúrgico, um fiel sem lugar seguro onde alimentar e dar de beber à sua fé, e sem um tecto sob o qual ela possa descansar.**

“Nós, párocos, afirma o Pe. Tisma, podemos e devemos ajudar a reconstruir esta pequena pátria para podermos assim oferecer aos fiéis um novo lar.” É neste ponto que, segundo ele, intervém a contribuição que os sacerdotes podem trazer para a reforma da reforma: “Podemos ser os actores do enriquecimento mútuo dando vida às duas formas do rito romano, uma ao lado da outra.”

IV- Agir gradualmente

Cuidado para não criar a desordem ao responder à revolução com a contra-revolução!

O Pe. Tisma não hesita ao afirmar qual é a primeira regra para uma instalação duradoura e estável da forma extraordinária numa paróquia: a **gradualidade**. Avançar depressa demais e de modo demasiado brusco é uma tentação que cumpre refrear, já que, em geral, ocorre refazer por completo a educação litúrgica dos fiéis. As mudanças litúrgicas devem ser acompanhadas por uma catequese adequada. Sobre a própria liturgia em geral, a sua estrutura, o calendário, o serviço do altar. Mas também relativamente à música, aos ornamentos, ao uso do latim, etc..

Além disso, são poucas as paróquias que conseguem, da noite para o dia, encontrar todos os elementos necessários para a celebração da liturgia tradicional, considerando que, em muitos casos, eles foram vendidos ou desfigurados durante o pós-concílio.

Outro princípio mencionado pelo Pe. Tisma foi o da **continuidade**. Citando o Professor Kwasniewski, ele convidou a aproveitar o carácter fluído das rubricas do novo missal para, sempre que possível, optar por fazer o que mais parecer estar em continuidade com a tradição precedente. Trata-se de um princípio que vem completar a regra da gradualidade, e permite aos fiéis e aos acólitos irem penetrando pouco a pouco na “nova liturgia de Bento XVI”.

V- Concretamente e visivelmente

Image: rs20151207122256_donmilan2.jpg

O Pe. Tisma durante uma das sessões litúrgicas do congresso do Chile.

Partindo da sua própria experiência, o Pe. Tisma propôs algumas iniciativas aos sacerdotes que desejem reorientar a sua liturgia a fim de poderem prestar a Deus de modo estável o culto que Lhe é devido. A linha directriz é simples: repor Cristo no centro das atenções.

O presbitério, o espaço sagrado em torno do altar, deve voltar a ser o templo do Senhor, e já não o cenário onde o celebrante se agita. O pároco, ajudado pelo seu sacristão, deverá seguir o exemplo de Bento XVI começando por repor a cruz e os candelabros sobre o altar. Eventualmente, se possível, ele deverá fazer recuar o altar moderno, nos casos em que este se encontre demasiado à frente. A ideia é a de chegar não ter mais do que um altar, o que é a via para oferecer aos fiéis uma só pequena pátria, e que seja a mesma para todos.

Além disso, como lembra Klaus Gamber, o altar deverá estar vestido e revestido. Na sua paróquia, o Pe. Tisma recuperou o uso do *antependium*, o que proporciona aos fiéis uma estabilidade visual e permite habituá-los ao suceder dos tempos litúrgicos, através da mudança da cor, sempre que isso seja possível.

A etapa sucessiva, depois de se ter restaurado o espaço sagrado do presbitério, é a da celebração *versus Deum*, o que deve ser acompanhado por uma catequese adequada. O Pe. Tisma escolheu fazê-lo no Advento, por ocasião da abertura do novo ano litúrgico.

Em seguida, o Pe. Tisma propõe que se utilize os tempos fortes do ano litúrgico para fazer com que os paroquianos descubram progressivamente a forma extraordinária, lançando mão para isso da gradualidade que é própria da liturgia tradicional. Na sua paróquia, o Pe. Tisma apoiou-se sobre uma directiva do episcopado chileno de 1960 - e, por isso, aplicável ao Missal de São João XXIII - e que encoraja a missa dita “comunitária”, ou seja, uma missa baixa cantada, com um leigo que vai guiando os demais fiéis no que respeita às atitudes de oração e aos cantos.

VI- Ao longo da celebração

Os conselhos seguintes já disseram respeito à forma ordinária, e o Pe. Tisma enunciou-os, sobretudo para dar resposta às perguntas vindas dos participantes do congresso. Não querem ser regras rígidas, mas antes sugestões que podem ser depois adaptadas individualmente por cada sacerdote em função do quadro paroquial em que se move e da sua própria preparação pessoal.

Em primeiro lugar, os conselhos relativos aos aspectos públicos da celebração:

- recitar o credo em latim;
- deixar de lado o sinal da paz nas missas de semana;
- favorecer os tempos de silêncio;
- restabelecer o uso do incenso;
- dar regularmente catequese sobre a comunhão;
- desenvolver a adoração eucarística, e, a propósito, fazer uma catequese sobre o estar de joelhos.

Depois, os que dizem respeito ao celebrante:

- preparar as ofertas em silêncio;
- unir o polegar e o indicador depois da consagração;
- fazer a purificação dos dedos após a comunhão com vinho e água, seguindo a prática tradicional;
- inclinar a cabeça à menção das três Pessoas da Santíssima Trindade, de Jesus, de Maria, do Papa, do santo do dia.

Aos sacerdotes que se encontrem num estágio mais avançado da aproximação das duas formas do rito romano, seja que celebrem já a forma extraordinária ou que, por enquanto, apenas desejem familiarizar-se com ela, o Pe. Tisma propõe, por fim, os seguintes exercícios de piedade privada: recitar o salmo 42 (o das orações aos pés do altar) quando se estão a dirigir da sacristia para o altar; recitar o *Aufer a nobis* ao subirem ao altar; recitar as três orações da comunhão durante o tempo de silêncio após o *Agnus Dei*; recitar o último Evangelho enquanto deixam o altar.

De mais a mais, nada impede ao sacerdote que use o barrete ou o manípulo, se assim o desejar.

Acrescentemos que, respondendo à pergunta de um sacerdote estrangeiro, o Pe. Tisma explicou que, por razões históricas (isto é, Êcône), em tempos, a celebração da forma extraordinária era frequentemente marcada por uma forte influência francesa. Ora, o Chile é de tradição espanhola. Por isso, o Pe. Tisma tem-se esforçado, juntamente com a associação Magnificat, para defender e promover os usos espanhóis, por exemplo: a menção do santo titular da igreja no interior do *Confiteor*; o uso da “*cucharilla*” (pequena colher) no momento de acrescentar a água ao vinho do cálice; o uso da palmatória, que o acólito leva consigo ao acompanhar o sacerdote durante a distribuição da comunhão; ou ainda, sempre que permitido, o uso dos ornamentos azul celeste para as festas da Imaculada.

Estes elementos referidos pelo Pe. Tisma contribuem, todos juntos, para se poder oferecer aos fiéis a mais bela e mais acolhedora das pequenas pátrias, de que Cristo é o único e eterno soberano.

VII- Quem são os fiéis?

A concluir a sua luxuriante e original intervenção, o Pe. Tisma quis fazer o retrato falado dos fiéis que, desde há cerca de 20 anos, ele tem visto aproximarem-se e ficarem ligados à liturgia tradicional. E é notável como esse retrato é, de facto, universal!

“Em primeiro lugar, vêm os veteranos que se lembram ainda da pequena pátria da sua infância e sabem recitar de cor a missa inteira, atravessaram os anos do grande tumulto, exibindo as cicatrizes desse tempo, mas olham com esperança os sinais de uma nova paz litúrgica. Em seguida, há os feridos da nova missa, que sofreram os desvarios da liturgia pós-conciliar e que sentem não ter lar. Por fim, vêm os jovens ávidos do sagrado, surfando pela internet, e à procura do que chamam de “nova missa de Bento XVI”. Certamente, dentro de cada uma destas categorias, há também simples curiosos, aficionados, e também os fanáticos. Mas, juntou com um sorriso, não mais do que na forma ordinária.”

(1) Na sua obra “Das Heilige” (1917); “O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional”. Ed. Sinodal, Vozes, 2007.